

# Quem escolhe ?

RAUL PILLA

O sr. Eurico Gaspar Dutra teria declarado não poder admitir que um inimigo o venha substituir na Presidência da República. Pouco importa averiguar se verdadeiras são as palavras a êle atribuídas, pois, mais valendo os fatos que as palavras, já vários fatos demonstram a disposição do animo presidencial. O sr. Nereu Ramos, não já inimigo, mas, além de correligionário, pouco simpático amigo do presidente da República, que o diga.

Portanto, não admite o sr. Eurico Dutra um substituto que lhe não esteja em graça. Acha-se êle com o direito de barrar, não só um inimigo, mas também um amigo que o não seja muito.

Por mal, e muito grande mal nosso, sabemos todos que, no regime vigente, é a presidência uma ditadura. Eleito e empossado, torna-se o presidente o dono virtual do País. E, sendo assim, claro também fica que só os amigos contam, pois aos outros não se devem contas.

Tudo isto é certo, porém, a mim o que está parecendo excessivo é querer o presidente prolongar o seu poder além do mandato recebido, decidindo sobre a escolha do próprio sucessor. Que êle disponha soberanamente do país no exercício do seu mandato, compreende-se: é do sistema. O povo elege livremente o presidente, para que este depois o governe arbitrariamente. Mas está entendido, porque também é do sistema, que, ao findar a ditadura temporária, retome o povo um dia a sua soberania, a fim de escolher livremente o novo ditador. Pelo menos em doutrina, o presidente serve ao País, e não ao próprio antecessor, e daquele, não deste, recebe a sua investidura. Se o povo se retira, ou se restringe a faulidade de eleger o presidente, e à sua vontade se pode sobrepor o capricho de um homem, a que se reduzirá a rudimentar democracia do nosso sistema de govêrno? A nada, ou ainda menos que nada.

Explica-se, porém, facilmente tal extralimitação do mandato presidencial pela ingerência na escolha do sucessor. Sendo o nosso o regime da irresponsabilidade, todo presidente necessita de um sucessor piedoso, que, em vez de lhe exumar os deamandos, os sepulte no esquecimento. Finda a sua ditadura, precisa o presidente de uma anistia ampla, que somente com a cumplicidade do sucessor se pode garantir.